



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Gazeta de Piracicaba

Data: 11/01/2015

Caderno/Link: Cidade/14

Assunto: Novo diretor destaca os desafios da Esalq/USP

ENTREVISTA

Novo diretor destaca os desafios da Esalq/USP

Christiano Diehl Neto



Luiz Gustavo Nussio, 48, toma posse na sexta-feira. Ele fala à Gazeta sobre suas propostas. **PÁGINA 8**

Gloriosa: nova direção

Engenheiro agrônomo Luiz Gustavo Nussio, 48 anos, assume diretoria da Esalq na sexta

ELENI DESTRO

Especial para a Gazeta

Uma universidade mais próxima da comunidade, um ensino mais humanizado, diálogo amplo com a mídia e a busca de parceria na iniciativa privada para agilizar os serviços prestados. Essas são algumas das estratégias que serão adotadas nos próximos quatro anos pelo novo diretor da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo), que assume a função na próxima sexta-feira, 16. Natural de Jundiaí, Luiz Gustavo Nussio, que terá como vice-diretor Durval Dourado Neto, tem 48 anos, 30 dos quais dedicados à Gloriosa, onde formou-se em agronomia no final dos anos 1980. Em entrevista à Gazeta, ele fala sobre sua carreira e sobre os desafios que virão. Confira os melhores trechos.

Gazeta - São 30 anos de Esalq. Como e quando o senhor começou a atuar na universidade?

Luiz Gustavo Nussio - Sou formado em engenharia agrônoma e docente no Departamento de Zootecnia, departamento onde estagiei e que me acolheu como funcionário nos primeiros anos. Nos primeiros anos eu seguia muito o espírito que havia no departamento, de um grande atendimento à comunidade e minha função era praticamente de interação com o público, de atender delegações e pessoas que vinham visitar o departamento e que serviam como base de extensão. Iniciei minha carreira claramente como extensionista. Além disso, nessa época o Estado tinha um programa do antigo Banespa (Banco do Estado de São Paulo) que se chamava São Paulo Vai a Campo e eu e mais dois ou três colegas fomos contratados enquanto fazíamos o programa de mestrado, nos anos 1988. Como tínhamos as atividades de extensão, atendíamos as pessoas aqui e viajavamos muito. Nesse período, em três ou quatro anos, estive em algo próximo de 130 municípios do Estado de São Paulo, fazendo palestras à noite, em comunidades rurais, seguidas de um dia de campo em uma fazenda que jamais sabíamos qual seria. Tínhamos de transformar aquilo em uma sala de aula e acho que foi o melhor exercício didático da minha vida. Tive de ter diplomacia porque tinha de mostrar algo que era bom no meio de muitas coisas que não eram, para não ser desleigante com o proprietário daquela fazenda (risos). Sempre digo aos alunos que gostaria que eles pudessem ter uma oportunidade como essa porque é uma ferramenta didática muito importante no dia a dia.

A proximidade dos alunos com o ambiente extramuros é diferente hoje?

Diria que no final dos anos 1980 a Esalq ainda era um grande modelo de expositor. Tinha-



Luiz Nussio, novo diretor da Esalq, posa em seu gabinete, tendo ao fundo a deusa Ceres, protetora da agricultura

mos coisas muito boas para mostrar e as pessoas vinham de longe para ver. Logo em seguida os departamentos foram recrutados a fazer algo diferente, que foi mergulhar nos trabalhos de pesquisa para que fossem conhecidos nacional e internacionalmente. Não vejo como um mecanismo de clausura, mas foi um momento de introspecção que a universidade exigiu das pessoas. Definitivamente, houve uma certa evasão do campo. Hoje, vemos que estamos sendo chamados a uma ponderação. Só que o ajuste se dá num limiar diferente. Hoje o que nós temos em mente é que a USP não vai perder a qualidade de produção científica que teve, nem pode perder, pois está muito bem ranquiada. Mas todas as vezes em que procuramos saber da apreciação da sociedade em relação ao nosso trabalho, percebemos que ela conhece pouco o que fazemos.

Em momento de crise, o conhecer pouco também significa pouco respaldo. Então, não tenho dúvida que a USP precisa buscar uma nova aproximação com a sociedade.

Na sua opinião, o governo não valoriza e não investe no ensino público como deveria?

Sempre vamos dizer que precisamos de mais. E sim, com mais poderíamos fazer mais. Mas o que já vem para a universidade é bastante. E o que a universidade está fazendo hoje é tentando melhorar, elaborar um pouco mais com esse valor que vem. Acho que esse momento que estamos vivendo é um olhar interno, de falar: 'olha, eu posso recomodar coisas, posso pegar pessoal daqui e passar para lá'. Enfim, esse ajuste interno está fazendo bem para a USP. Eu diria que em todo tempo que estou aqui poucas vezes vi as unidades tra-

balharem intimamente numa otimização dos recursos que têm de forma geral. A crise nos gerou uma oportunidade e eu acho que a USP - a Esalq já vem fazendo isso com grande habilidade - está transformando a crise em oportunidade. A reitoria usou um mote, que certamente não é o mais desejado de todo o público interno, que é fazer mais com menos, o que é uma tendência mundial.

Quais são os seus planos frente à diretoria da universidade?

Um dos nossos planos principais é um programa de reconhecimento interno de mérito de docentes e funcionários. Sendo uma instituição pública eu não tenho um mecanismo para estimular um funcionário financeiramente, mas posso estimulá-lo com oportunidade e com reconhecimento interno dos bons. Esse destaque vai se manifestar em um reconhecimento

"Não tenho dúvida que a USP precisa buscar uma nova aproximação com a sociedade"

Luiz Gustavo Nussio
diretor da Esalq

sobre a necessidade de romper as barreiras extramuros da universidade

público em um evento, essa pessoa terá oportunidades, como um treinamento internacional. Essas pessoas sempre estão lotadas em algum departamento e os departamentos que tiveram mais dessas pessoas recebem mais 'estrelinhas', digamos assim. Isso será um favorecedor no momento em que tivermos o nosso mecanismo de distribuição capilar de recursos internamente: receberá mais o departamento que tiver lotado mais pessoas virtuosas.

Outra questão que vamos fomentar é a nossa graduação. Nós vamos ter não somente os dispositivos tradicionais das grades curriculares, mas também a vinda de pessoal externo para poder opinar sobre a qualidade dos nossos egressos lá fora. A triagem vai nos permitir receber a opinião dos nossos contratadores de recursos humanos. Esse é um assunto que não é consensual, é delicado, porque a academia tem um pouco de dificuldade de aceitar a opinião externa, mas tenho certeza de que fui eleito por ter isso na minha plataforma. O objetivo final é que tenhamos coisas saindo da grade e outras entrando como fruto desse exercício de relacionamento.

Nos últimos anos, temos nos empenhado muito em enviar alunos nossos para o exterior, para que o seu treinamento seja cosmopolita. Agora vamos nos preparar para sermos um nicho de recepção de alunos internacionais. O que nos falta para isso? Por exemplo, ter um conjunto de disciplinas versadas em inglês. Precisamos criar um ambiente internacional e para isso temos um pacote de 'investimentos', como ter um laboratório adaptado no padrão internacional, professores e funcionários treinados nesse ambiente. Isso exige, talvez, enviar funcionários e docentes para perceberem como isso já funciona em outras universidades. No fundo, esse exercício não é exclusivamente de aquisição de competência técnica, é, sobretudo, um mecanismo de aquisição humanística em um ambiente internacional, é viver melhor com diversidade.

Nós também vamos melhorar os meios de mídia. Iremos nos empenhar bastante nisso. O site já sofreu uma reforma grande. O poder chegar em pessoas (da universidade) e conversar com elas e ter o relacionamento estabelecido. Pretendemos trabalhar muito nisso.